

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

# **BRINCAR: UM ASSUNTO MUITO SÉRIO**

**De como o Brincar Constitui um Comportamento de  
Consolidação de Conhecimento e Desenvolvimento do Eu,  
do Outro e do Mundo**

Rita Carido

Relatório Final realizado no âmbito da Unidade Curricular

Investigação em Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Janeiro de 2016

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

# **BRINCAR: UM ASSUNTO MUITO SÉRIO**

## **De como o Brincar Constitui um Comportamento de Consolidação de Conhecimento e Desenvolvimento do Eu, do Outro e do Mundo**

Rita Carido

Relatório Final realizado no âmbito da Unidade Curricular

Investigação em Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientação: Professor Doutor António Montiel

Janeiro de 2016

**Dedicatória**

Às minhas filhas, Margarida e Carlota,

Luz dos meus olhos, Sol da minha Vida!

À minha Mãe,

Estrela do meu caminho!

## AGRADECIMENTOS

Obrigada Mãe Querida, pelo exemplo de força, inteligência, tolerância, amor, saber e sobretudo Ser! Foi a grandeza do teu ser que me acompanhou, inspirou e fez de mim a pessoa que sou.

Obrigada Pai, por ter estado sempre presente e ter sempre uma palavra de Força e encorajamento, mesmo nos momentos mais difíceis. O pai é um “corredor de fundo”!

Obrigada Carlota, Obrigada Margarida, por serem umas filhas tão especiais e por fazerem parte da minha Vida! Amo-vos demais! Obrigada por me motivarem sempre a perseguir os sonhos! Nunca deixem de seguir os vossos também! “Pelo sonho é que vamos”...diz o poeta!

Obrigada Família e alguns amigos! Alguns já ausentes... presentes para sempre! Família adquirida e família escolhida. Vocês são o meu porto seguro, o meu porto de abrigo, a minha estrutura, a minha Força! Irmãos, cunhados, sobrinhos, todos e cada um, fazem parte de mim! São inspiração e motivação! Vocês “são todos os meus preferidos!”

Obrigada meninos e meninas com quem partilhei este estudo, suas generosas e queridas famílias, por me ajudarem a chegar mais longe... chegar mais perto de vós, entender-vos melhor!

Obrigada também a todas as outras crianças e famílias com que ao longo dos anos, fui partilhando e construindo saber, fui crescendo como Pessoa e como Profissional! Estão TODOS no meu coração!

Obrigada à Instituição, onde realizei este estudo, que me acolhe há tantos anos, onde tanto experienciei e aprendi. Obrigada a todos os colegas, profissionais dedicados, que no dia-a-dia abraçam com amor estas crianças e fazem com que a casa cor-de-rosa seja um lugar mágico! Obrigada à Direção que tem ajudado a dar asas a este projeto e voar cada vez mais longe!

Obrigada a esta Escola de Formação, onde iniciei estudos tão cedo, desde o tempo da nossa querida e inspiradora Maria e onde tenho aumentado a minha formação, já faz parte de mim! Aqui aprendi muito, como aluna, como educadora mas sobretudo como pessoa! Aqui conheci muitos professores de grande mérito e valor e fiz grandes amizades para a vida! Não poderei enumerá-los a todos, mas agradeço de forma sentida e reconhecida a cada um!

Um obrigada especial a uma amiga de longa data, que caminhou aqui comigo no início de formação, Ana Lisboa, uma Amiga de verdade que está sempre lá!

Obrigada a duas amigas especiais, mais recentes, esta amizade nasceu aqui também, nesta escola, neste último percurso formativo. Obrigada por serem Amigas de verdade, Ana e Gabriela! Tenho-vos no coração!

Por último, obrigada Professor Doutor António Montiel, por me ter dado uma nova força e acreditar que era possível! Obrigada pela clareza de espírito que ajuda a desmontar o complicado! Obrigada pela alegria que deposita e transmite no que faz! Obrigada pelas palavras de inspiração e Ânimo!

“Se amas a criança que em ti existe,  
então podes amar as crianças.”

“Se podes ser infantil,  
podes ser Homem, podes ser Mestre.”

João dos Santos (2000)

**“O Brincar escapa aos adultos que frequentemente  
o vêem como algo separado do aprender,  
o que é não só absurdo como abusivo e cruel.”**

**João dos Santos (2000) p.109**

**“A criança precisa de ter espaço para criar tempo.  
Tempo para Brincar, tempo que seja TODO TEMPO INTEIRO.  
Para Sentir, Aprender, Pensar...nas coisas sérias da vida...  
no Brincar.”**

**João dos Santos (2007) p.312**

## RESUMO

O presente relatório foi realizado no âmbito da Unidade Curricular de Investigação em Educação, do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, para a obtenção de grau mestre em educação pré-escolar. O trabalho reporta a fenómenos observados e vivenciados numa prática pedagógica, num espaço e tempo concreto, de outubro 2013 a junho de 2014, numa sala de 14 crianças de 2 anos. Seguindo as regras que correspondem a uma investigação qualitativa, recorre-se a notas de campo como instrumento de registo dos dados recolhidos pela observação direta e participante nas brincadeiras espontâneas destas crianças, ocorridas em sala de aula. Os dados recolhidos foram posteriormente analisados através da técnica de análise de conteúdo. Este estudo possibilitou um novo olhar sobre a Brincadeira da Criança, comprovando que esta é essencial à vida saudável da criança, constituindo um comportamento de construção e consolidação de conhecimento e desenvolvimento do Eu, do Outro e do Mundo.

**Palavras Chave:** brincadeira; conhecimento; eu; outro; mundo.

## **ABSTRACT**

This research report was executed within the scope of the course “Investigação em Educação”, from the Master in “Educação Pré-Escolar” of “Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich” in order to attain the Master degree in “Educação Pré-Escolar”. The work reports the phenomena both observed and experienced during pedagogical practice in a defined time period; between October 2013 and June 2014, and space; a classroom of 14 two-year old children. Following the rules that conform to a qualitative investigation, field notes were recorded as a register of the collected data taken from both direct observation and also as a participant of the children's spontaneous play in the classroom. This data was later analysed using content analysis technique. This study brought a new perspective to children's play, proving that it is essential for a child's healthy lifestyle and fundamental for building and consolidating the knowledge and development of the Self, the Other and the World.

**Keywords:** play, knowledge, self, other, world.

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
Percurso Formativo .....	1
Contextualização Pedagógica .....	3
Motivação Para o Estudo .....	6
Metodologia .....	8
Organização do Trabalho .....	8
CAPITULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	9
1.1. A Criança de dois anos.....	9
1.2. A Brincadeira como Oportunidade de Desenvolvimento .....	18
1.3. A Brincadeira no Desenvolvimento do Eu.....	20
1.4. A Brincadeira na Construção do Conhecimento .....	21
CAPITULO 2 - PESQUISA QUALITATIVA .....	24
2.1. Observação Direta e Participante .....	24
2.2. Notas de Campo .....	26
CAPITULO 3 - ANÁLISE DE DADOS .....	28
3.1. Análise das Notas de Campo.....	30
3.2. Análise Interpretativa de Dados .....	31
3.3. As Brincadeiras da Criança de Dois Anos .....	32
3.3.1. A Brincadeira como Oportunidade de Desenvolvimento.....	33

3.3.2. A Brincadeira no Desenvolvimento do Eu.....	33
3.3.3. A Brincadeira na Construção do Conhecimento .....	34
CAPITULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
ANEXOS .....	I
ANEXO - NOTAS DE CAMPO .....	II

# INTRODUÇÃO

## **Percurso Formativo**

Em 1986 acabei o Curso de Educadores de Infância, bacharelato na altura, na então Escola de Educadores de Infância Maria Ulrich. Embarquei então nesta aventura que é a Educação, partilha e troca constante de saberes e de emoções. Desde aí tenho exercido esta minha devoção, que é mais que profissão, uma missão. Trago na bagagem, desta já longa viagem, descobertas, conquistas, desafios ultrapassados, frustrações conciliadas, transformadas em aprendizagem e impulsionadoras por sua vez de novos desafios, de novas metas a atingir.

Partilhei vivências, experiências, muitos risos e algumas lágrimas com meninos de várias cores, religiões, idades, necessidades e extratos sociais. Foi muito o que recebi deles, das suas famílias, comunidades envolventes e educativas. Procurei ao longo desta aventura ir sustentando o que vivia na prática com alguma fundamentação teórica, enriquecendo e diversificando as minhas ferramentas que fui e vou carregando numa mochila que se apetrecha de saber e de experiência desde o dia que abrimos os olhos nesta vida.

E porque o caminho se faz caminhando, procurei, ao longo desta jornada, ir reciclando e atualizando saber, debatendo pontos de vista, partilhando práticas e modelos pedagógicos, descobertas ou inovações nesta área que evolui a cada dia, frequentando e participando em formações várias, em diferentes áreas de conteúdo deste grande tema da Educação.

A par das mudanças e evoluções de uma sociedade, mudam também as políticas, nomeadamente educativas e seus programas escolares e académicos, o que se traduz em grandes alterações nomeadamente nos cursos médios e superiores, duração, unidades

curriculares, etc. Assim, a certa altura da minha carreira docente, vi-me confrontada com a alteração do curso que passou a superior...mais uma montanha para atravessar nesta aventura fantástica.

Agora essa travessia já levava mais tripulantes, já não viajava sozinha. A par desta aventura em que tinha embarcado, havia uma outra aventura que tinha dado frutos, os melhores que podemos colher, e que são o nosso motor, a nossa força na alegria e na adversidade. Certamente esta aventura tornou-se mais interessante e desafiante, mas também com uma responsabilidade acrescida. E foi assim, que de 2001 a 2003, mais uma vez, nesta casa mãe, Escola (agora) Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, que frequentei os Complementos de Formação/Licenciatura em Educação de Adultos e Animação Comunitária.

Entre outros caminhos que percorri e sítios por onde passei, onde tanto aprendi, posso talvez destacar que iniciei a minha honrosa missão de educador na cooperativa “A Torre” que tanto me marcou, ensinou e que tanto admiro como modelo pedagógico. Trago na bagagem outros sítios por onde passei, todos eles com a sua importância e valor, mas destacaria ainda “O Centro Alfredo Pinheiro”, da Misericórdia de Cascais-Torre, como experiência muito positiva também, grande fonte de troca pedagógica e aprendizagem. Todavia, grande parte deste percurso, desde 1993, tem sido feita na Instituição onde muito cresci e aprendi como pessoa e profissional, onde estou no presente, a “casa cor-de-rosa”.

É esta instituição, em que estou há vinte e dois anos, partilhando e promovendo o crescimento saudável e harmonioso de tantas crianças, com suas famílias e toda uma comunidade educativa, que tanto me tem feito crescer como educador e ser humano. Aqui partilhei a equipa de pré-escolar, durante vários anos, estando com grupos de organização vertical; coordenei e fiz parte da creche com berçário e sala de um ano; fiz parte da equipa de a.t.l, com dois grupos de crianças de idade escolar pertencentes a duas escolas da freguesia

com que fizemos parceria; voltei ao pré-escolar, por diversos anos, sempre com grupos de organização vertical; e por último voltei a integrar a equipa da creche, onde estou no momento e de há alguns para cá, com grupos de crianças de um ou dois anos.

Instituição que integro e com que me identifico por princípios e valores morais e de educação, pela minha filosofia e maneira de estar na vida que se cruza com a da instituição e ainda pelo modelo pedagógico que vem ao encontro do que privilegio em Educação.

Falar de Educar é para mim um ato nobre e de grande responsabilidade. Temos nas “mãos “ o futuro, podemos e devemos deixar sementes de grandeza, valor e cidadania para a construção do SER pleno. Mas falar de educar remete-me para a raiz da palavra “Educar” que vem do latim e significa “extrair de”, o que nos faz pensar que na verdade, a criança “tem tudo lá” e nós, educadores, só temos que ajudar a fazer “brotar” o que de tão rico e diverso elas têm. Acreditar nisto e ter esta convicção tem-me feito seguir uma linha, ao longo da minha vida como educador e pessoa, de ouvir as crianças e receber o mais possível o que vem delas, para, a partir daí, construir projetos de pesquisa e construção do saber e do conhecimento.

Procuo e pretendo que a criança tenha voz ativa no seu processo educativo e na vida da sala, de outra forma não faria sentido, na minha perspetiva. Não me considero detentora do saber, nem acredito na educação centrada no professor/educador. A criança aprende melhor quando se sente motivada e quando participa de forma ativa nessa construção.

### **Contextualização Pedagógica**

Instituição Privada de Solidariedade Social, rege-se por princípios de gestão democrática e de neutralidade religiosa e partidária. Esta associação tem como principais

objetivos manter um serviço de proteção à infância, promovendo o desenvolvimento integral e harmonioso da criança no seu meio socio cultural, através do funcionamento regular de creche, pré-escolar e atividades de tempos livres para crianças em idade escolar sem carácter regular. Propõe-se criar, manter e incentivar a participação das famílias no processo de educação dos seus educandos, bem como estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade e com outras instituições. Tem como principais objetivos os enunciados na lei quadro da Educação Pré Escolar, retirados do projeto Educativo da Escola de 2014:

- “a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança c/ base em experiências de vida democrática, numa perspectiva de educação para a cidadania;
- b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade de culturas.
- c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o processo da aprendizagem;
- d) Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;
- e) Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas, como meio de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g) Proporcionar à criança, ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde colectiva;

h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;

i) Incentivar a participação das famílias no processo da educação e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.”

A escola inspira-se no modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna e na Pedagogia de Projeto.

“A escola define-se para os docentes do MEM como um espaço de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. Nela, os educandos deverão criar com os seus educadores as condições materiais, afectivas e sociais para que, em comum, possam organizar um ambiente institucional capaz de ajudar cada um apropriar-se dos conhecimentos, dos processos e dos valores morais e estéticos gerados pela humanidade no seu percurso histórico-cultural.”

Niza in “Modelos Curriculares para a Educação de Infância.” (1998) in Projeto Educativo de Escola 2014

Assim reconhece-se a criança como sujeito do seu próprio processo educativo, entendendo-o como um ato dinâmico, interativo e continuado, onde os saberes da criança, a sua cultura e vivências são o ponto de partida para a prática pedagógica. Procura promover-se a formação pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática, numa perspectiva de educação para a cidadania. A participação efetiva das famílias, a escola aberta à comunidade, os saberes e vivências da criança, são pontos de referência para a nossa prática pedagógica.

## **Motivação Para o Estudo**

Ao longo deste meu percurso tenho observado, nas diferentes faixas etárias das crianças com que estive, que tudo tem um caráter lúdico e que todas as crianças, independentemente da idade, sexo, credo, cor ou condição física ou social, precisam de Brincar. A vida da criança, o seu mundo interior e o seu pensamento, constrói-se a partir da brincadeira e do jogo. Daí eu pensar também, como tem sido dito, que isto de brincar “é um assunto muito sério”, pois toda a construção do real se fará a partir daqui.

O facto de estar, nos últimos anos com crianças mais novas tem-me proporcionado observar o “brotar” constante da brincadeira e a sua evolução. De como uma brincadeira espontânea, individual e exploratória se vai construindo, modificando e interagindo com os pares, integrando papéis sociais e normas de vida social. A criança aprende-se, aprende o Outro e o Mundo através da brincadeira. É claro e sabido, por inúmeros estudiosos o quanto é importante a atividade lúdica para as crianças desde o nascimento, mas observar direta e diariamente esta realidade, faz-nos ver as coisas com outro enfoque e outra dimensão.

Acredito que a brincadeira (individual exploratória, numa primeira fase, ou entre pares com jogo simbólico e de papéis, depois), constitui a fonte principal de construção de conhecimento, aquisições cognitivas, desenvolvimento da linguagem e construção do Eu.

A criança ainda pequena começa por brincar de forma desordenada e desestruturada, mas, aos poucos, esta brincadeira ou jogo simbólico vai-se organizando, a criança traz para a brincadeira situações da vida dos adultos que replica, aprendendo assim a vida e o mundo que a rodeia, não só a nível pessoal e social, como cultural. Constrói imagens mentais de situações que viveu e trá-las para a brincadeira, resolvendo eventualmente, ansiedades e preocupações, e aprende a lidar com as situações, encontrando soluções, através dessa mesma brincadeira.

É também através da brincadeira, que a criança se começa a projetar no adulto, assumindo os seus papéis e diversas funções que vai presenciando, criando as suas próprias regras e comportamentos que respeita e integra, de forma bastante “crescida”, ultrapassando muitas vezes o comportamento habitual da sua faixa etária, assumindo de forma coerente o que esses papéis lhe exigem.

Esta atuação num mundo imaginário, obriga-as a desenvolver competências e conceitos que são sem dúvida um impulsionador do seu processo de desenvolvimento. Através deste ato a criança desenvolve competências, adquire conhecimento a vários níveis, nomeadamente cultural, desenvolve a linguagem, sendo esta também impulsionadora de outras aquisições e competências.

Por tudo quanto acabo de descrever, senti uma motivação especial para pesquisar e investigar mais sobre esta questão.

#### **a. Problema e Questões de Investigação**

Com este trabalho de pesquisa que aqui se inicia, pretende-se analisar: **“De Como o Brincar (e a brincadeira/jogo), constitui um comportamento de construção e consolidação de conhecimento e desenvolvimento do Eu, do Outro e do Mundo?”**

Com a finalidade de saber e entender o problema, estabeleço os seguintes objetivos:

- Identificar algumas brincadeiras das crianças de dois anos de idade.
- Compreender a relação da brincadeira com o desenvolvimento do “Eu”.
- Entender a brincadeira como construção de conhecimento.

## **Metodologia**

A pesquisa realizada é qualitativa. Foram recolhidas notas de campo, através de uma observação participante, pois o investigador é um elemento integrante do grupo de estudo. Esta recolha aconteceu ao longo do ano letivo 2013/2014, num grupo de 14 crianças de dois anos de idade, constituído por 6 do género masculino e 8 do género feminino. Este grupo de crianças está inserido na escola onde exerço funções de educadora de infância.

## **Organização do Trabalho**

Num primeiro capítulo far-se-á uma abordagem teórica de autores consagrados nestas matérias comparando com opiniões de outros mais recentes. Num segundo capítulo explicita-se a metodologia de pesquisa e de recolha de dados, bem como o seu tratamento. O terceiro capítulo analisará e interpretará os dados recolhidos. Em considerações finais concluímos o estudo respondendo às questões iniciais, referindo os constrangimentos que encontrámos e que pistas se delineiam para o futuro enquanto profissional. Seguem-se as referências bibliográficas e em anexo todas as notas de campo, observações feitas e outros documentos recolhidos.

## CAPITULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1.1. A Criança de dois anos

A criança aos dois anos, atravessa uma fase muito rica do seu desenvolvimento, em que faz uma série de aquisições importantes e decisivas para a construção do seu “Eu”, da sua personalidade e na forma como vai conhecer e relacionar-se com o outro e com o Mundo. Neste segundo ano da sua vida, ela vai ter um grande incremento na sua locomoção e na sua destreza motora o que a vai ajudar a descobrir o mundo e a chegar onde quer, mas vai também falar, o que vai, não só aumentar e enriquecer as suas interações, como desenvolver as suas capacidades cognitivas.

Assim, e com tudo o que este desenvolvimento lhe possibilita, ela vai querer afirmar-se pela sua independência e autonomia, mostrando que já não é bebé, mas sim um menino ou menina crescido. Os adultos, sendo esta uma fase de transição, tratam-na, muitas vezes, como um bebé grande, esperando no entanto que seja crescida. Então, diria que esta fase é marcada por uma tomada de consciência do “eu” e do “outro”; por uma grande passada no sentido da autonomia e independência; por um momento de grande desenvolvimento motor e cognitivo.

É uma fase em que começa a tomar consciência do seu corpo e a ter autocontrolo sobre ele, podendo ter muito sucesso no controlo dos esfíncteres, se bem apoiada pelos adultos de referência. É também uma fase de autocontrolo de emoções e sentimentos, o que nem sempre é fácil. Surgem portanto, conflitos e “birras”, como forma de expressão e solução imediata das suas necessidades, ou de interagir com os pares na luta pelo objeto ou pela atenção do adulto.

A escola é muitas vezes, nesta idade, uma opção. Diria que uma boa opção. A criança poderá aumentar e fortalecer os seus laços afetivos, ampliar as suas experiências, promovendo o seu crescimento e desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social. Se

crescer num ambiente educativo acolhedor, securizante, desafiante, onde se estabeleçam antes de mais relações afetivas, fortes e confiáveis com os educadores, conseguirá não só desenvolver-se harmoniosamente, como ser feliz. Esta será a base de toda a aprendizagem futura, sem ela a criança não estará capaz e disponível para ultrapassar as diversas fases do seu desenvolvimento, vencer obstáculos, desafios, para se descobrir, descobrir “o outro” e apreender o mundo.

Esta fase é de tal maneira importante e decisiva, que Brazelton (1989), num dos seus muitos e interessantes livros dirigidos a jovens pais, “ Os Primeiros Passos do Bebê- Uma declaração de Independência”, se refere a esta fase da criança entre o 1 e os 3 anos de idade, como sendo uma luta que a criança tem que travar pela independência e pelo autodomínio. Mas acrescenta, que esta luta não é só delas, requer muita paciência e compreensão de todos os que vivem com elas. Diz que cada criança traz a sua força própria para este esforço pelo controle interior. O palco em que esta luta se trava também difere de família para família. E que, quanto mais autonomia uma criança consiga nesta idade, mais capaz será de passar à tarefa seguinte do desenvolvimento.

Ainda para sustentar esta ideia, Brazelton cita Erikson (1963), estudioso mais antigo nestas matérias, para descrever a importância crucial desta fase no ciclo total da vida: ”De um sentido de autocontrole sem perda de autoestima surge um sentimento duradouro de boa vontade e de orgulho; de uma sensação de perda de autocontrole e de um controle exagerado surge uma duradoura tendência para a dúvida e a vergonha.”

Faz-nos pensar o quão importante é, que estas fases sejam bem vividas e que estas crises interiores da criança sejam bem ultrapassadas, com o apoio dos adultos, sejam pais e/ou educadores.

Da leitura de vários autores, conhecidas e conceituadas referências científicas na área do desenvolvimento infantil e da primeira infância, destacarei alguns que me parecem importantes como referencial teórico para o que procuro realçar nesta fase do desenvolvimento da criança.

Recentemente, Gabriela Portugal, (1998) grande referência da atualidade da Educação em Portugal, com especial enfoque na primeira infância e na Educação em contexto de creche, chama-nos a atenção para esta fase em que a criança de 2 anos se encontra. Nomeadamente num documento seu, elaborado para a CNIS, no âmbito das “Finalidades Educativas em Creche - das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche”, Portugal assegura que a criança de 2 anos continua a afirmar a sua autonomia e a atribuir significado ao mundo que descobre.

Diz ainda, que neste processo de compreensão da realidade, o desenvolvimento da linguagem assume-se como uma ferramenta crucial. Sendo de extrema importância ouvi-la, conversar com ela e criar condições para que ela se exprima e se sinta escutada no seu esforço de comunicação. Tal como supracitado, Portugal reitera também, que a criança vai interessar-se cada vez mais pelos seus pares, tendo gosto em imitá-los, e que começam a surgir comportamentos, ainda que esporádicos, de cooperação. Surgem também conflitos e disputas naturais, à medida que se vão estabelecendo os primeiros contactos entre si, aprendendo gradualmente a partilhar e a cooperar. Portugal chama ainda a atenção para o papel que o adulto tem de mediador de conflitos, de apaziguador e até de espectador. Sabendo quando deve ou não intervir, ajudará a criança a lidar com a frustração, a respeitar o outro, a adiar a sua satisfação em prol da do outro, a integrar regras de vida social, ou seja, ajudará a criança a desenvolver competências emocionais, pessoais e sociais.

Portugal considera tão importante o papel do adulto seguro, como referido anteriormente, que afirma perentoriamente que o desenvolvimento da capacidade para lidar com a tristeza e com o medo, depende fortemente de relações seguras com os adultos de referência, compreensivos, capazes de dar atenção e ao mesmo tempo espaço, num clima de tolerância e onde se aceite a expressão de emoções.

Acrescenta, que a criança aprenderá a confiar se lidar com adultos confiáveis, que lhe assegurem que as suas necessidades serão satisfeitas e que simultaneamente lhes deem força e apoio, que não a enganem.

Portugal (2000) num seu contributo para a revista “Infância e Educação, Investigação e Práticas”, citando Erickson (1971) acrescenta ainda que, para a criança, a relação com as figuras significativas, representa um mundo social primário. Se estas lhe fornecem calor, regularidade, afeição, ela desenvolve um sentimento de confiança no mundo, o sentimento de que alguém estará sempre por perto para tomar conta dela se necessário e terá vontade de explorar e interagir com o mundo. Pelo contrário, o sentimento de desconfiança desenvolve-se se o mundo é visto como hostil, se as figuras significativas falham na satisfação das necessidades do bebé, se o mundo é sentido como inconsistente, doloroso, ameaçador ou angustiante.

Deambulando por leituras diversas de investigadores sobre o desenvolvimento infantil, verificamos que Piaget (1952,1966), na sua teoria do conhecimento divide o desenvolvimento infantil por estádios, considerando assim, que a criança desta faixa etária, se encontra no estágio Sensório-motor (0 a 2 anos de idade): período este que se caracteriza por a criança fazer sobretudo uma observação sensorial do mundo que a rodeia, ou seja exploração e manipulação do ambiente. Piaget considera que características como

egocentrismo e “auto-centração”, estão muito presentes na criança, e que o conhecimento do mundo e a aprendizagem fazem-se através da experimentação e a partir de si próprio.

Este psicólogo utilizou este termo: “sensório-motor” para caracterizar esta abordagem direta e física da aprendizagem. Sensório, refere-se ao modo como os bebés e as crianças mais novas recolhem informação sobre o mundo através dos seus sentidos; Motor refere-se ao modo como aprendem através da ação física. Os bebés e as crianças mais novas aprendem fazendo, porque os seus cérebros estão particularmente predispostos para a ação. (Post e Hohmann, 2007)

Jean Piaget, considerou que, neste momento da vida da criança, a experiência de relação com o mundo estrutura-se, sobretudo, a partir da relação corporal com os objetos e com as pessoas. Estas experiências vão construindo no bebé “esquemas” sobre a organização do mundo e as suas propriedades, que lhe permitem relacionar-se com elas. Nesta fase a criança começa a demonstrar um comportamento intencional, ou seja, percebe o que tem de fazer para conseguir algo. Adquire também o conceito do objeto permanente, sabe que ainda que um objeto desapareça, continua a existir, pelo que o consegue imaginar. Esta aquisição cognitiva aliada à aquisição da linguagem permite-lhe iniciar também a função simbólica, ou seja, consegue referir-se a coisas, objetos ou pessoas ausentes, dotando-os de significados diferentes. (Marti, 1996)

E à medida que a criança avança em maturidade ao longo deste segundo ano e se vai aproximando do seu terceiro ano de vida, estará cada vez mais perto do segundo estágio de desenvolvimento considerado por Piaget por “pré-operatório”, desenvolvendo cada vez mais o pensamento, a linguagem, os jogos imaginativos e simbólicos, assim como habilidades perceptuais e motrizes. Sendo no entanto um período ainda de pensamento egocêntrico. (Marti, 1996)

Henri Wallon, psicólogo francês, contemporâneo de Piaget, tornou-se conhecido pelo seu trabalho científico sobre psicologia do desenvolvimento, devotado principalmente à infância, acrescenta, que durante este segundo ano de vida, a criança está no preâmbulo indispensável para o conhecimento do mundo exterior. Diz que este segundo ano de vida, é essencialmente do andar e da palavra. O andar permite-lhe reconhecer-se no espaço e transportar objetos, por outro lado a palavra permite-lhe nomear esses mesmos objetos. (Marti, 1996)

Já Vigotsky, conhecido pensador russo, considerou o desenvolvimento psicológico da criança, sobretudo “desenvolvimento cultural” e denomina esta fase como a da “infância” na qual o essencial será a relação que a criança estabelece com as pessoas que a rodeiam. Esta relação será determinada pela estrutura e usos culturais de cada sociedade e pelo papel da criança nessa cultura, assim como pela interação desses fatores com os padrões genéticos de crescimento. (Marti, 1996)

Arnold Gesell (1996), psicólogo americano, num dos seus muitos contributos editados sobre o desenvolvimento da criança, “A Criança dos 0 aos 5”, descreve exhaustivamente as competências da criança desta idade, nos vários domínios, motor, emocional, social, linguístico, controle dos esfíncteres, como sendo uma fase de transição e de grande desenvolvimento e aquisições. Para Gesell, o desenvolvimento é como um processo contínuo que tem uma evolução constante e que começando na concepção, atravessa diversas etapas que têm uma sequência ordenada, imutável, representando cada uma dessas etapas, um nível de maturidade no ciclo do desenvolvimento. Diz ainda, que a cultura parece conspirar também para tornar mais pesado o fardo do desenvolvimento. Por isso não se devem esperar demasiados resultados duma vez no que respeita à correlação do domínio postural, da coordenação delicada da linguagem, do domínio dos esfíncteres, da obediência, da cortesia e

do asseio. O domínio de ação da criança de 2 anos ainda não está suficientemente adiantado para estabelecer e sustentar por muito tempo relações interpessoais delicadas.

Gesell considera que a criança de 2 anos continua a preferir brincar sozinha a brincar junto de outras crianças e raramente brinca em cooperação com elas. Está numa fase pré cooperativa, que é mais de observação do que elas fazem do que de participação. Não é capaz de partilhar, não é capaz, em regra, de deixar que mais alguém brinque com aquilo que é dela. Tem de aprender primeiro o “É meu”, e fá-lo, agarrando-se às coisas e escondendo-as. Isso não é um defeito. É a única maneira que tem de adquirir orgulho no que é seu. É, segundo este psicólogo, um processo do desenvolvimento. Guardar e partilhar não são virtudes separadas. A prática de bater, afagar, morder e batalhar com todos os materiais, tão característica dos 2 anos, deve ser encarada com compreensão. Esta criança, um pouco “bebé”, é ainda demasiado infantil para que possa aprender só por palavras; carece de se organizar e à sua experiência, mexendo, manuseando, agarrando, apertando e até escondendo e fugindo.

Ainda para Gesell (1996), os seus interesses dominantes são pular, correr atrás dos outros e fugir dos que correm atrás dela. Gosta de encher e esvaziar, de meter e tirar, de desmanchar e montar, de saborear, de esfregar. Prefere os brinquedos de ação, como os comboios, os carros e os telefones. A água e a lavagem excitam-lhe a curiosidade. Imita as tarefas domésticas e gosta de brincar com bonecas. Interessa-se verdadeiramente pelas relações entre as pessoas, especialmente entre o pai e a mãe.

Segundo o esquema de desenvolvimento infantil, recuperado em “[mundoabc.com.br](http://mundoabc.com.br)” (2012), a criança de dois anos, encontra-se num momento muito rico e diversificado do seu desenvolvimento, tendo já adquirido diversas competências que passo a citar:

### “Desenvolvimento Psico-motor

- À medida que o seu equilíbrio e coordenação aumentam, a criança é capaz de andar, correr ou saltar;
- É mais fácil manipular e utilizar objectos com as mãos, como um lápis de cor para desenhar ou uma colher para comer sozinha;
- Começa gradualmente a controlar os esfíncteres (primeiro os intestinos e depois a bexiga);
- Fase de grande curiosidade, sendo muito frequente a pergunta "Porquê?";
- À medida que se desenvolvem as suas competências linguísticas, a criança começa a exprimir-se de outras formas, que não apenas a exploração física - trata-se de juntar as competências físicas e de linguagem (por ex., quando faço isto, acontece aquilo), o que ajuda ao seu desenvolvimento cognitivo;
- É capaz de produzir regularmente frases de 3 e 4 palavras. A partir dos 32 meses, é já capaz de conversar com um adulto usando frases curtas e de continuar a falar sobre um assunto por um breve período;
- Desenvolvimento da consciência de si: a criança pode referir-se a si própria como "eu" e pode conseguir descrever-se por frases simples, como "tenho fome";
- A memória e a capacidade de concentração aumentaram (a criança é capaz de voltar a uma atividade que tinha interrompido, mantendo-se concentrada nela por períodos de tempo mais longos);
- A criança está a começar a formar imagens mentais das coisas, o que a leva à compreensão dos conceitos - progressivamente, e com a ajuda dos adultos, vai sendo capaz de compreender conceitos como dentro e fora, cima e baixo;

- Por volta dos 32 meses, começa a apreender o conceito de sequências numéricas simples e de diferentes categorias (por ex., é capaz de contar até 10 e de formar grupos de objetos - 10 animais de plástico podem ser 3 vacas, 4 porcos e 3 cavalos);

### Formação Pessoal e Social

(autonomia e socialização)

- A mãe é ainda uma figura muito importante para a segurança da criança, não gostando de estranhos. A partir dos 32 meses, a criança já deve reagir melhor quando é separada da mãe, para ficar à guarda de outra pessoa, embora algumas crianças consigam este progresso com menos ansiedade do que outras;

- Imita e tenta participar nos comportamentos dos adultos: por ex., lavar a loiça, maquilhar-se, tratar do bebé, falar ao telefone, etc.;

- É capaz de participar em atividades com outras crianças, como por exemplo ouvir histórias;

- Inicialmente o leque de emoções é vasto, desde o puro prazer até à raiva frustrada. Embora a capacidade de exprimir livremente as emoções seja considerada saudável, a criança necessitará de aprender a lidar com as suas emoções e de saber que sentimentos são adequados, o que requer prática e ajuda dos pais;

- Nesta fase, as birras são uma das formas mais comuns da criança chamar a atenção - podem dever-se a mudanças ou a acontecimentos, ou ainda a uma resposta aprendida (as birras costumam estar relacionadas com a frustração da criança e com a sua incapacidade de comunicar de forma eficaz); ”

## **1.2. A Brincadeira como Oportunidade de Desenvolvimento**

A brincadeira está tão presente na infância desde sempre, que não conseguimos pensar em criança sem pensar em brincar. Esta é de tal maneira importante para a criança e seu desenvolvimento saudável e feliz, que observando crianças de qualquer faixa etária, em atividade espontânea, verificamos que esta é uma atividade natural, só ou acompanhada, calma ou agitada, com ou sem objetos ou brinquedos. A criança está a crescer e a desenvolver-se e a entender o mundo que a rodeia, papéis sociais, regras, etc., através da brincadeira. Ela transporta para a sua realidade, brincando, aquilo que vive e observa do mundo dos adultos. Conseguindo assim resolver eventuais dúvidas ou ansiedades que isto lhe causa.

Ao longo dos 2 anos de vida da criança, observamos através da brincadeira da criança como ela cresce e se desenvolve, a todos os níveis. Primeiro o movimento cada vez mais controlado e definido. A par do desenvolvimento motor, a linguagem e o vocabulário, cada vez mais rico, vão enriquecendo os diálogos existentes e até a construção do pensamento, que vai complicando e acrescentando os papéis e tarefas existentes na brincadeira, espelhando a realidade que vivem. E assim de uma forma pouco estruturada e individual, vamos observando um crescendo e uma maior estruturação desta atividade, seja individual ou entre pares. Observamos, que apesar de procurar os seus pares, no início brinca paralelamente, não brinca com eles, mas entre aproximações e recuos, vão construindo essa interação que faz também parte da socialização da criança. É através da brincadeira que a criança é aceite pelos pares ou os aceita, deixando-os entrar na brincadeira, distribuindo papéis, assim sendo a brincadeira constitui um papel fundamental no seu desenvolvimento social.

Por estas e por muitas mais razões que evocaremos ao longo do texto podemos dizer que “brincar é um assunto muito sério”.

Para entendermos o desenvolvimento da criança, Vigotsky (1998) considera que é necessário levar em conta as suas necessidades e incentivos que a levam à ação. A criança satisfaz certas necessidades através da brincadeira e na ação com o brinquedo, mas essas necessidades, vão evoluindo no decorrer do seu desenvolvimento. Assim é necessário conhecê-las para compreender a singularidade da sua atividade lúdica. Pelo faz de conta a criança testa e experimenta os diferentes papéis existentes na sociedade

(pai, mãe, professora, médico ou outra). Independentemente do tipo ou características da brincadeira e do brinquedo, este autor considera que pelo brincar o desenvolvimento infantil é estimulado, existindo uma estreita vinculação entre as atividades lúdicas e as funções psíquicas superiores.

É relativamente fácil para todos nós, entender que a criança brinca por prazer, mas segundo Winnicott (1979) é muito mais difícil entender que é também para dominar angústias ou agressividades e controlar ideias ou impulsos. A angústia é sempre um fator presente na brincadeira infantil. Por vezes as brincadeiras repetitivas ou compulsivas servem para exteriorizar e expulsar essas angústias.

Para este autor a criança adquire experiência brincando, sendo uma parcela importante da sua vida. Para as crianças a riqueza das experiências encontra-se sobretudo na brincadeira, na fantasia e na capacidade de criar. A criança e a sua personalidade, evoluem através das brincadeiras e suas invenções por si criadas ou por outras.

Acrescenta ainda que é brincando e somente brincando que o indivíduo é capaz de ser criativo e usar completamente a sua personalidade.

Ao brincar é necessário para a criança focar a sua atenção na brincadeira e desenvolver a sua criatividade, curiosidade, autoconfiança, motivação, empatia e cooperação. Ela aprende a lidar com as frustrações, aprende regras, conhecimentos e outras habilidades

em relação ao seu comportamento, necessárias para o seu cotidiano. O brincar facilita a comunicação com os outros, ou seja a socialização e o desenvolvimento saudável.

### **1.3. A Brincadeira no Desenvolvimento do Eu**

Nesta fase da criança, a brincadeira é na sua maioria individual, a criança ainda é muito individualista, brincando sozinha e manipulando objetos, começando a existir já uma certa intencionalidade na sua ação. Wallon (1970) considera que a ação da criança não é uma estrutura de execução mas o estímulo da atividade mental.

É uma fase de imitação do outro, Wallon acredita que a criança se identifica a si própria, projetando-se no outro. A construção e o desenvolvimento do “Eu” e da identidade é um processo, não se constrói de um dia para o outro. À medida que vai construindo o pensamento, vai construindo a ideia de si próprio, diferente da do “outro”. Assim, segundo este autor, se opera a fusão do que é simultaneamente reconhecido nos outros e sentido em si próprio. A importância que indivíduos que participam dos mesmos acontecimentos, vivências, existência, ou ambiente, exercem entre si, são extremamente ténues ou subtis.

Este psicólogo diz ainda que nesta impregnação pelo ambiente há algo semelhante à imitação, mas esta imitação do outro é também uma imitação de si próprio, pois há algo semelhante ao da reação circular. O efeito sensorial fortuitamente produzido por um gesto, ocasiona a repetição desse gesto. No entanto esta imitação do outro, implica um conhecimento de si próprio e uma boa noção do seu “esquema corporal”, por outro lado implica também, uma percepção capaz de passar o que percebe ao seu movimento, não sendo portanto uma imitação apenas fortuita.

Desta fase de imitação automática ou espontânea, a criança começa a imitar, não indistintamente todas as pessoas, mas só quem lhe é importante, ou por qualquer motivo se

lhe impõe mais. Este processo não é fácil na criança, criando algumas crises, entre fundir-se no outro pela imitação e “sair” dele, afirmando-se como ser individual. Passando de uma admiração cega pelo outro, em que quase se deixa absorver, para depois se lhe opor bruscamente como se de um adversário se tratasse, tomando assim consciência do seu “eu”, e de si próprio, através do “outro”.

À medida que a brincadeira se vai construindo e ampliando, dando lugar ao jogo de papéis a criança está constantemente a interagir com o outro, com os seus pares, nos diversos papéis que vão criando e portanto está sempre a construir o seu eu no espelho e na confrontação com o outro, tornando este desenvolvimento relacional muito rico.

Brincar, nos primeiros anos de vida, é para Winnicott (1975), de extrema importância para a construção da sua identidade. É a sua linguagem. É a forma que a criança tem de se expressar com o mundo e exteriorizar a sua realidade interior, seja através de alegrias frustrações, habilidades ou dificuldades.

Através da brincadeira a criança inicia relações emocionais e sociais, propiciando assim o seu desenvolvimento social.

#### **1.4. A Brincadeira na Construção do Conhecimento**

Da observação de crianças em brincadeira, apercebemo-nos que ao trazer para a brincadeira a realidade que observa, imitando papéis sociais e suas funções ou tarefas do quotidiano, a criança está, através da imitação, a assimilar a realidade, a aprender o mundo. A criança adquire assim representações do real e competências cognitivas e de inteligência. Piaget (1975) diz que o jogo prolonga a assimilação de objetos ou situações ausentes. Ele define a inteligência como capacidade de adaptação, em termos biológicos, e define a sua estrutura, em termos lógicos, assim, para ele, a inteligência, à semelhança da vida, é

concebida como uma capacidade de adaptação que, para o efeito, utiliza os mecanismos da assimilação/acomodação/equilíbrio.

Assim, neste estágio em que a criança se encontra, para este pensador, (citado por Tavares e Alarcão,2005) da inteligência sensório motora, que vai desde o nascimento até aos dois anos, há uma interiorização progressiva de um processo, como se fosse um fio condutor que atravessa todos os estágios de desenvolvimento, como por exemplo na última fase deste estágio, quase a chegar aos 2 anos, a combinação experimental dos esquemas, a invenção e a descoberta interiorizam-se e transformam-se na combinação mental dos esquemas. Segundo Piaget “É na continuidade da ação que os esquemas se formam, se multiplicam, se assimilam reciprocamente, se coordenam e se organizam finalmente numa estrutura esquemática de conjunto que define a inteligência sensório-motora. E é na continuidade da acomodação dos esquemas às realidades práticas de objeto, de espaço, de causalidade e de tempo que definem o universo infantil.” p.63.

Ainda segundo este autor, neste segundo ano a criança encontra-se numa fase de transição, como já referido, pós sensório-motora e pré-operatória, de importância capital no seu desenvolvimento pois é uma fase de grande evolução no domínio da linguagem e da representação. É por excelência uma fase linguística, o que trará à criança, segundo este psicólogo, a capacidade de criar imagens, símbolos, palavras, frases das coisas que observa e percebe do seu mundo. Assim a criança investe grande parte da sua energia neste jogo de passagem da imagem sensível à imagem mental, que pressupõe a capacidade representativa o que ele considera ser o surgir da função simbólica. Apesar de implicar a preponderância de um pensamento egocêntrico e de assimilação, todo este processo denota já uma passagem do sujeito de um estado de “centração”, de fechamento sobre si mesmo, a um estado de abertura de descentração. Ou seja, a criança começa a sair do seu egocentrismo e a entrar num universo mais amplo onde começa a ser capaz de situar a sua ação no meio da de outros

sujeitos, interagindo gradualmente, com o meio, com os objetos e com esses sujeitos, transformando e construindo os seus esquemas de ação em conhecimento. Sendo que a sua ação é sobretudo lúdica, exploratória ou de jogo simbólico, o que nós adultos chamamos “brincar”, pressupõe que ela se dedica a formar significantes cada vez mais variados e complexos e ainda a integrá-los e a assimilá-los.

Guimarães e Costa, (1986, p.19) no seu livro “Eu era a mãe”, que pretende ser uma reflexão sobre esta atividade central da criança, como o é a expressão dramática ou jogo simbólico, citando Yvette Jenger:

“Brincar ao faz de conta é experimentar-se, pôr-se à prova na acção.

A criança faz de conta, isto é, traduz por gestos e pela linguagem uma representação das coisas e dos seres. A esse nível, liberta-se da sua fusão original com o mundo ambiente e com os outros. Avança para o conhecimento do mundo e para a descoberta de si própria, já que o mundo se objetiva e que o seu Eu se delineia.”

Vygostky (1998) defende que o desenvolvimento cognitivo da criança resulta da interação entre a criança e as pessoas (adultos ou pares) com quem mantém contactos regulares. Realça a importância do papel do educador como desafiador da criança, levando-a a ultrapassar desafios e alcançar metas. Diz que existe uma zona de desenvolvimento proximal na criança, frase chave sua, diferente em cada uma, ou seja, acredita que a criança consegue alcançar metas com a ajuda de outra pessoa, que sozinha não consegue ainda.

Para este autor, a criança aprende através da construção coletiva, imitação de terceiros e resolução de situações. Acrescenta que a inteligência se desenvolve na coordenação, pela criança, das suas próprias ações e juízos com os de outros em situações de conflito sociocognitivo que à posteriori terá que resolver.

## CAPITULO 2 - PESQUISA QUALITATIVA

### 2.1. Observação Direta e Participante

“Observar é olhar atentamente”

Sousa (2009)p.108

Este relatório final, para obtenção de grau mestre em educação pré-escolar, é o resultado de um estudo de fenómenos observados e vivenciados numa prática pedagógica, num espaço e tempo concreto, de outubro 2013 a junho de 2014. Prática Pedagógica esta realizada onde exerço funções de Educadora de Infância há 22 anos, numa instituição privada de solidariedade social, “a casa cor-de-rosa,” ou seja, não foi uma prática pedagógica supervisionada, mas sim uma prática pedagógica profissional, onde inclusive recebo regularmente alunos de diversas escolas de formação, acompanho e supervisiono as suas práticas, fazendo assim, prazerosamente, parte da sua formação e aprendendo também muitíssimo com esta troca de experiências e saberes.

Este estudo apoiou-se numa investigação qualitativa e interpretativa, muito utilizada em ciências sociais e humanas, em particular na educação, em que o investigador / educador faz parte da investigação, procurando preservar a riqueza das vivências, do contexto e da realidade. Ele é um observador participante, não só observa como faz parte do que observa, vive o que observa. Para Bogdan & Biklen (1994) “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.” p.47.

Esta investigação assenta em observações diretas e participantes, observações essas que resultam em registos ou notas de campo, recolhidas sempre no local de estudo, ou seja um trabalho de campo direto. Estas observações foram feitas numa sala de 14 crianças de 2

anos, sendo 8 do género feminino e 6 do género masculino, no período de tempo supra citado. É um grupo de crianças de uma sala chamada de “transição,” pois situa-se numa faixa etária que faz a transição entra a creche e o pré-escolar, por todas as características inerentes ao período de desenvolvimento em que se encontram.

Sendo o observador / investigador parte integrante do contexto observado, por ser o educador deste grupo de crianças, tende a relacionar o que observa com a experiência e vivência e com os conhecimentos adquiridos enquanto educador, com o conhecimento que tem do grupo de crianças e com as ideias de autores consultados.

Segundo Afonso (2005) “A observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos.” p.91.

Interessava-me observar as brincadeiras espontâneas destas crianças, como se organizam, quais os recursos que utilizam, as brincadeiras preferidas ou recorrentes. Observar a brincadeira como oportunidade de desenvolvimento da criança no seu todo. Interessava-me ainda compreender a relação da brincadeira com o desenvolvimento do “Eu” e do “Outro.” E ainda compreender a brincadeira como construção de conhecimento. Ao longo destes meses, fui fazendo parte deste grupo de estudo, como educador, como moderador, como impulsionador de descobertas, sendo também um elemento, partilhando alegrias e conquistas mas procurando dar-me como uma referência de segurança e um modelo de adulto. Além de todas estas vertentes inseri-me também como observador participante. Sendo um elemento do grupo o acesso é mais facilitado, pois o grupo confia em nós, sente-nos como pertença, não como alguém estranho. Todavia este observador/investigador, tem que saber sair de si e do contexto, por vezes ficar alheio às inúmeras e constantes solicitações dos outros intervenientes, para conseguir observar de forma atenta e isenta sem fazer juízos de valor

antecipados, nem contaminar ou constranger as observações. Como refere Sousa “Investigar a Educação enquanto se Educa”.p.95.

Nesta recolha de dados, observaram-se as crianças ao longo de meses, em diferentes e diversificadas situações de brincadeira, procurando que todas elas fossem de cariz espontâneo, nunca propostas pelo adulto, sem qualquer sugestão exterior, com ou sem materiais ou brinquedos, livremente escolhidos pelos intervenientes. O local escolhido para observação foi quase sempre a sala de aula, que é ampla, luminosa, acolhedora e está dividida pelas grandes áreas de expressão, tendo material diversificado ao dispor das crianças e de fácil acesso.

## **2.2. Notas de Campo**

Das observações feitas, escolheram-se as que vinham ao encontro das questões iniciais, registando-as em notas de campo.

Segundo estes autores, esta é uma pesquisa descritiva, ou seja, os dados recolhidos serão apresentados em forma de relato, citação ou de imagem, não de números.

Criou-se uma tabela que procura descrever as brincadeiras observadas, seus principais conteúdos, materiais ou recursos utilizados pelas crianças, o atrativo ou lúdico de cada situação observada e ainda as interações existentes entre pares.

Sendo o próprio investigador / educador que fará a análise dos dados que coligiu, ainda segundo os mesmos autores, esta será natural e forçosamente uma interpretação subjetiva, pois ela será sempre feita à luz do que viu, sentiu e aprendeu. Assim sendo a palavra escrita toma uma grande importância, não só na recolha dos dados, como na sua interpretação.

O investigador procura perceber o que observa, tentando criar ligações com os processos que estão na base desses significados, não se preocupando só com o momento observado, mas com tudo o que lhe pode dar significado. Ainda segundo os mesmos autores, “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.” (p.49)

Nesta análise qualitativa, a recolha de dados vai sendo feita com o objetivo de observar algo que lhe vai saltando à vista e não com o objetivo de construir resultados, ou seja é uma análise indutiva. “ Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva “(p.50) Isto significa que a recolha de dados, não é feita com o objetivo de provar hipóteses previamente construídas, mas ao contrário, as construções vão-se fazendo, afinando e categorizando à medida que as recolhas vão sendo analisadas.

Para este investigador, o significado que se dá às coisas é de extrema importância, baseado na forma como sente a vida e lhe dá sentido. Este investigador preocupa-se em dar uma perspetiva participante ao que observou e relatou. “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa”.(p.50).

## CAPITULO 3 - ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo debruçamo-nos sobre as notas de campo feitas a partir de observações diretas e participantes, como foi antes referido, através de uma tabela onde se procurou categorizar as mesmas.

Para Sousa (2009) “A observação em educação destina-se essencialmente a pesquisar problemas, a procurar respostas para questões que se levantem e a ajudar na compreensão do processo pedagógico.” p.109

O educador, na sua prática pedagógica, procura ter uma atitude reflexiva e questionadora, refletindo sobre a sua prática pedagógica, observando o quotidiano, refletindo sobre o que observa, de forma a reformular a sua ação, indo ao encontro dos seus educandos. Este é, ou deve ser, o foco da investigação em educação.

Para facilitar a reflexão sobre a realidade observada, faremos primeiro uma síntese de uma seleção das onze notas de campo recolhidas que são mais significativas para o assunto que nos ocupa. Posteriormente procederemos à sua análise.

Tabela 1  
Resumo da situação

Data	Resumo da Situação
<b>Nota 1</b> 24/10/2013	Uma criança vê-se ao espelho e faz caretas, outra aproxima-se imitando-a, ao sentir-se observada, atrapalhada, salta para cima da primeira, brincam e riem-se; há uma terceira que se junta imitando-as, nas caretas e nas brincadeiras físicas. Uma quarta criança esteve sempre a observar ao lado sem intervir, sorrindo e imitando as caretas.
<b>Nota 2</b> 13/01/2014	Estão cinco crianças sentadas no tapete, organizam-se entre si e começam a cantar a canção dos “bons dias”, que habitualmente se canta no início do dia, com todos os meninos e com a educadora. Fazem-no empregando corretamente os respetivos movimentos da canção e chamando os nomes das crianças que se encontram presentes.
<b>Nota 3</b> 20/01/2014	Na área da casinha, estão quatro crianças a brincar, põem a mesa e sentam-se todas à mesa exceto uma, que faz de mãe, e distribui a comida pelos pratos mandando-as comer, colocando uma vez por outra a colher na boca de cada uma.
<b>Nota 4</b> 24/01/2014	Uma criança pega numa carteira que existe na área da expressão dramática, enche-a com objetos da casinha e despede-se das “filhas”, outras crianças, dizendo: - Até logo, vou trabalhar! Beijinho à mãe!

Tabela 2  
Resumo da situação (continuação)

Data	Resumo da Situação
<p><b>Nota 5</b> 12/02/2014</p>	<p>Quatro crianças dispõem as cadeiras em fila. Depois vão chamar os colegas para virem para o “autocarro”. Alegrem-se logo várias crianças que se sentam nos seus lugares. Um dos primeiros toma o lugar do condutor e grita: - Vamos embora para o autocarro! Vêm mais crianças que se sentam nos seus lugares, algumas trazendo ao colo os seus “filhos” (bonecos) embrulhados em mantas. Uma criança sentando-se ao lado de outra diz: - Vamos ao hospital que estás doente! Pondo-lhe um lápis debaixo do braço, para lhe medir a febre, como se fosse um termómetro.</p>
<p><b>Nota 6</b> 18/02/2014</p>	<p>Quatro crianças vão para uma zona da sala que faz um recanto, põem cadeiras a fechar a zona e mantas a tapar e escondem-se como se estivessem numa gruta. Uma outra cá de fora grita como que a “bramir”, imitando um urso: - Uaaarr! Uaaarr! Lá dentro os outros gritam assustados e tapam-se escondendo-se.</p>
<p><b>Nota 7</b> 21/02/2014</p>	<p>Quatro crianças, na área da casinha, colocam os seus “bebés” (bonecos) na cama, mandando os outros calar porque os “bebés” estão a dormir. Depois cada uma retira o seu “bebé” da cama embrulhando-o com uma mantinha, embalando-o, vagueando pela sala como que a adormecê-lo. De seguida duas delas sentam-se numa outra zona da sala e dão comida aos “bebés” com uma colher.</p>
<p><b>Nota 8</b> 20/03/2014</p>	<p>Três crianças deitam-se no tapete da sala. Uma outra tapa-as com mantas e vai buscar um fio de plástico, moldável, pertencente a um jogo de enfiamentos. Começa então a deslocar o fio em diversas partes do abdómen e das costas das crianças que estão deitadas, enfiando-o por vezes no nariz, nos ouvidos e no umbigo, como que a auscultá-las, com a outra ponta do fio no seu ouvido. Manda-as voltar de barriga para baixo, pondo-lhes o termómetro (lápis) debaixo do braço. Examina-as totalmente e no fim dá-lhes um remédio (a fingir) dizendo-lhes que estão doentes.</p>
<p><b>Nota 9</b> 05/05/2014</p>	<p>Quatro crianças estão a ver livros da área de biblioteca da sala, hoje há livros novos, havendo por isso particular interesse. Três crianças dispõem vários livros, em miniatura, em cima de uma mesa, começando a contá-los repetidas vezes, numa sequência quase correta. Alternadamente entre si vão contando até 6,12,19 e 20, embora com pequenas lacunas.</p>
<p><b>Nota 10</b> 7/05/2014</p>	<p>Duas crianças estão a conversar em voz alta, de volta de um papel, ambas com um lápis, onde vão “escrevendo” ao mesmo tempo que vão dizendo palavras soltas, com alguma rapidez e ritmadamente. O adulto pergunta: - O que é isso? Respondem: - São palavras para dizer!</p>
<p><b>Nota11</b> 14/05/2014</p>	<p>Duas crianças disputam uma manta para tapar os seus “bebés”, puxando cada uma para seu lado. Uma consegue finalmente ficar com a manta, entre gritos e puxões. Ela respira fundo e vai junto dos colegas perguntar: - É meu, pois é? A outra criança, zangada, vai lá e tira-lhe de novo a manta. Ela chora e vem pedir consolo ao adulto, que não interfere, de seguida procura consolo junto dos colegas, que “ralham” com a outra criança. Esta sorri e devolve-lhe a manta.</p>

### 3.1. Análise das Notas de Campo

Para uma percepção analítica das notas de campo, procedeu-se à construção da próxima tabela que pretende ganhar consciência do «conteúdo» que é possível identificar em cada uma das notas de campo, os «recursos» que são utilizado nas situações de brincadeira que relatam, uma identificação do aspeto que torna a atividade «atrativa ou lúdica» e, finalmente, uma caracterização do tipo de «interações» que são observáveis:

Tabela 3  
Análise das notas de campo

Nota	Conteúdo	Recursos	Atrativo Ou Lúdico	Interações
1	Conhecimento do Eu/Outro Autoconhecimento Autoconceito Autoestima Conhecimento do Outro/Mundo Socialização-Aceitação do Outro	Espelho	Mímica Imitação	Cooperação
2	Conhecimento do Eu/Outro Apropriação de rotinas e regras de vida social e em grupo Conhecimento do mundo Interpretação de papéis	Tapete	Canção Imitação	Cooperação
3	Conhecimento do Eu/Outro Integração de regras de vida social e familiar Conhecimento do mundo Interpretação de papéis Coerência/Maturidade	Casinha	Faz de Conta	Distribuição de Papéis
4	Imitação de situações de vida e de adultos de referência Eu/ Outro/Mundo Interpretação de papéis e funções Resolução de questões observadas no dia-a-dia / vida Adaptação de objetos	Carteira objetos	Faz de Conta	Cooperação
5	Organização e criação de regras entre si Distribuição e interpretação de papéis à luz da realidade observada Eu/Outro/Mundo Aquisição de conhecimentos Adaptação de objetos	Cadeiras Bonecos Lápis- termómetro	Faz de Conta	Distribuição de Papéis
6	Eu/Outro /Mundo Organização e distribuição de papéis Conhecimento do mundo Competências cognitivas Autoproteção Autocontrole (medo e situações adversas) (eventual replicação ou influência de uma história contada)	Recanto da Sala Cadeiras Mantas	Faz de Conta	Cooperação Distribuição de papéis

Tabela 4  
Análise das notas de campo (continuação)

Nota	Conteúdo	Recursos	Atrativo Ou Lúdico	Interações
7	Eu /Outro/Mundo Interpretação e apropriação de papéis e funções inerentes Aquisição de conhecimento do mundo Aquisição de valores de respeito e proteção pelos mais pequenos e indefesos	Casinha Bonecos Mantas	Faz de Conta	Distribuição de Papéis
8	Eu/Outro/Mundo Distribuição de papéis Conhecimento do mundo Integração de regras Interpretação de papéis/profissões dos adultos Integração de situações/preocupações de vida-sua resolução-apaziguamento Adaptação/transformação de objetos Criatividade/imaginação Maturidade/coerência	Tapete Mantas Fios de um jogo de enfiamentos	Faz de Conta	Distribuição de papéis
9	Eu /Outro/Mundo Descoberta Conhecimento do mundo Aquisição de competências na área da matemática – noção de número Criatividade/imaginação Abstração	Livros em Miniatura	Contar	Cooperação
10	Aquisição de competências na área da leitura e da escrita – pré-escrita/ pré-leitura Integração de regras de sociedade e códigos de linguagem ou comunicação - A Escrita Imaginação /Criatividade	Papel Lápis	Escrita	Cooperação
11	Eu vs Outro Identidade Limites Sentimento pertença/partilha Controlar frustração/Resiliência O grupo na resolução de conflitos e aquisição de regras sociais e valores morais	Bebés Manta	Faz de Conta	Competição Gestão de conflito

### 3.2. Análise Interpretativa de Dados

Fazendo uma leitura da tabela apresentada são de salientar, três aspetos:

- a) As crianças, nas suas brincadeiras, recorrem ao uso de materiais ou brinquedos, servindo-se deles de forma óbvia, no seu uso próprio, ou transformando-os em outros de acordo com a situação e o objeto que necessitam no momento.
- b) As situações observadas de brincadeiras demonstram aspetos atrativos ou lúdicos como:

- Imitação ou mímica
- Jogo de papéis
- Faz de conta
- Cantar / Escrever / Contar

c) Nestas brincadeiras, observámos interações entre pares de cooperação, de conflito, de competição e de distribuição de papéis.

### **3.3. As Brincadeiras da Criança de Dois Anos**

Refletindo sobre as brincadeiras das crianças de dois anos, verificamos o aparecimento de situações observadas de brincadeiras espontâneas, em pequenos grupos, em que as crianças se organizam em situações que lhes são prazerosas, distribuindo papéis, criando situações de faz de conta em que reproduzem situações do quotidiano, imitando o adulto, demonstrando competências pessoais e sociais, conseguindo cooperar, partilhar e resolver pequenos conflitos. Parafraseando Wallon, supracitado, durante este segundo ano de vida, a criança está no preâmbulo indispensável para o conhecimento do mundo exterior. Vigotsky, também anteriormente citado no capítulo 1, denomina esta fase da criança como a da “infância”, na qual o essencial será a relação que a criança estabelece com as pessoas que a rodeiam. Relação esta que será dominada pela estrutura e usos culturais de cada sociedade e pelo papel da criança nessa cultura, assim como pela interação desses fatores com os padrões genéticos de crescimento.

### **3.3.1. A Brincadeira como Oportunidade de Desenvolvimento**

Se procurarmos relacionar as brincadeiras observadas, em crianças de dois anos, com o seu desenvolvimento, podemos observar como se vai estruturando e complexificando, demonstrando um aumento de competências nas crianças em todas as áreas de desenvolvimento.

Para entendermos o desenvolvimento da criança, Vigotsky, considera que é necessário levar em conta as suas necessidades e incentivos que a levam à ação. A criança satisfaz certas necessidades através da brincadeira e na ação com o brinquedo, mas essas necessidades, vão evoluindo no decorrer do seu desenvolvimento. Assim é necessário conhecê-las para compreender a singularidade da sua atividade lúdica. Pelo faz de conta a criança testa e experimenta os diferentes papéis existentes na sociedade (pai, mãe, professora, médico ou outra). Independentemente do tipo ou características da brincadeira e do brinquedo, este autor considera que pelo brincar o desenvolvimento infantil é estimulado, existindo uma estreita vinculação entre as atividades lúdicas e as funções psíquicas superiores.

### **3.3.2. A Brincadeira no Desenvolvimento do Eu**

Da observação de algumas brincadeiras constatámos interações de imitação do outro. Esta é uma fase de imitação do outro, Wallon, acredita que a criança se identifica a si projetando-se no outro. A construção e o desenvolvimento do “Eu” e da identidade é um processo, não se constrói de um dia para o outro. À medida que vai construindo o pensamento, vai construindo a ideia de si próprio, diferente da do “outro”. Assim, segundo este autor, se opera a fusão do que é simultaneamente reconhecido nos outros e sentido em si próprio. A importância que indivíduos que participam dos mesmos acontecimentos, vivências, existência, ou ambiente, exercem entre si, são extremamente ténues ou subtis.

Este psicólogo diz ainda que nesta impregnação pelo ambiente há algo semelhante à imitação, mas esta imitação do outro é também uma imitação de si próprio, pois há algo semelhante ao da reação circular. O efeito sensorial fortuitamente produzido por um gesto, ocasiona a repetição desse gesto. No entanto esta imitação do outro, implica um conhecimento de si próprio e uma boa noção do seu “esquema corporal”, por outro lado implica também, uma percepção capaz de passar o que percebe ao seu movimento, não sendo portanto uma imitação apenas fortuita.

Desta fase de imitação automática ou espontânea, a criança começa a imitar, não indistintamente todas as pessoas, mas só quem lhe é importante, ou por qualquer motivo se lhe impõe mais. Este processo não é fácil na criança, criando algumas crises, entre se fundir no outro pela imitação e “sair” dele, afirmando-se como ser individual. Passando de uma admiração cega pelo outro, em que quase se deixa absorver, para depois se lhe opor bruscamente como se de um adversário se tratasse, tomando assim consciência do seu “eu”, e de si próprio, através do “outro”.

À medida que a brincadeira se vai construindo e ampliando, dando lugar ao jogo de papéis a criança está constantemente a interagir com o outro, com os seus pares, nos diversos papéis que vão criando e portanto está sempre a construir o seu eu no espelho e na confrontação com o outro, tornando este desenvolvimento relacional muito rico.

### **3.3.3. A Brincadeira na Construção do Conhecimento**

Por último, se refletirmos sobre as situações de brincadeira registadas e observadas, verificamos que a criança ao reproduzir situações do quotidiano, representação de papéis sociais, regras de vida em sociedade, canções, palavras ou “escrita”, contagens, cenas de histórias contadas ou da vida animal, demonstra competências adquiridas. Competências estas não só na área da formação pessoal e social, como competências cognitivas ao nível da

expressão oral e escrita, da matemática, da discriminação auditiva, do conhecimento do mundo.

Da observação de crianças em brincadeira, apercebemo-nos que ao trazer para a brincadeira a realidade que observa, imitando papéis sociais e suas funções ou tarefas do quotidiano, a criança está, através da imitação a assimilar a realidade, a aprender o mundo. A criança adquire assim representações do real e competências cognitivas e de inteligência.

É por excelência uma fase linguística, o que trará à criança, segundo Piaget, supra citado, a capacidade de criar imagens, símbolos, palavras, frases das coisas que observa e percebe do seu mundo. Assim a criança investe grande parte da sua energia neste jogo de passagem da imagem sensível à imagem mental, que pressupõe a capacidade representativa o que ele considera ser o surgir da função simbólica. Apesar de implicar a preponderância de um pensamento egocêntrico e de assimilação, todo este processo denota já uma passagem do sujeito de um estado de “centração”, de fechamento sobre si mesmo, a um estado de abertura de descentração. Ou seja, a criança começa a sair do seu egocentrismo e a entrar num universo mais amplo onde começa a ser capaz de situar a sua ação no meio da de outros sujeitos, interagindo gradualmente, com o meio, com os objetos e com esses sujeitos, transformando e construindo os seus esquemas de ação em conhecimento. Sendo que a sua ação é sobretudo lúdica, exploratória ou de jogo simbólico, o que nós adultos chamamos “brincar”, pressupõe que ela se dedica a formar significantes cada vez mais variados e complexos e ainda a integrá-los e a assimilá-los.

João dos Santos (2007) fala-nos, referindo-se também a Spitz, em incorporação, dizendo que isto “é tudo o que a criança faz activa e voluntariamente com o corpo para tomar conhecimento com o mundo exterior, com as pessoas e com as coisas, a fim de as conhecer, identificar, aprender a utilizar. (...) É tudo o que uma criança do segundo ano faz (...).

Incorporar é adquirir, através da experiência corporal, do movimento relacional, o conhecimento das coisas.” p.p 280-281.

## CAPITULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo, sinto-me privilegiada por poder, no meu dia-a-dia, ter acesso a um mundo tão rico de interações em permanente mudança, em permanente crescimento, como o é o das crianças, do qual eu tenho o privilégio de poder fazer parte, como educador, como elemento de um grupo, como observador participante e como investigador.

Este trabalho de pesquisa foi bastante enriquecedor e impulsionador de conhecimento. Sempre que nos questionamos e nos desafiamos, obrigamo-nos a pesquisar, a refletir a consolidar conhecimentos eventualmente já adquiridos ou a adquirir novos, a pôr-nos em causa e a reformular a nossa prática educativa. Reinventando-nos, reinventando novos percursos educativos. Tornando-nos melhores educadores, mais atentos e melhores pessoas. O saber faz-nos crescer enquanto profissionais e enquanto pessoas. Quem persegue o saber, persegue sempre um caminho melhor, mais acertado, mais assertivo, tanto profissional quanto pessoal.

Após a análise dos dados observados e recolhidos e da reflexão baseada em fundamentos teóricos e confirmados de autores consagrados nestas temáticas, podemos responder de forma positiva à minha questão inicial:

**“De como o Brincar constitui um comportamento de Construção e Consolidação de Conhecimento e de Desenvolvimento do Eu, do Outro e do Mundo?”**

Este estudo não será certamente uma pesquisa de algo novo mas uma confirmação de questões que nos pairavam já no horizonte, para as quais tínhamos algumas convicções, mas queremos encontrar respostas mais conclusivas, o que só uma investigação proporciona.

Em educação não há respostas definitivas, nada é definitivo, tudo está em permanente mutação, no entanto há situações que se observam, nomeadamente através de uma investigação qualitativa, transversalmente na infância ao longo de décadas, de séculos, que parecem poder ser conclusivas, nomeadamente a importância que a Brincadeira e o Brincar têm na Infância.

Neste estudo, podemos concluir através das situações observadas que “Brincar é um assunto muito sério”, a criança projeta nas brincadeiras o mundo que observa dos adultos, arranjando soluções, agindo por vezes como se fosse bem mais crescida do que realmente é. Desencadeando assim inúmeros processos de desenvolvimento e de construção de conhecimento.

O objetivo inicial com este estudo foi também promover um olhar mais sério sobre a brincadeira da criança. Por sentir desde sempre ao longo da minha carreira docente, que a brincadeira é de uma importância vital e central para a criança e que ela aprende o mundo brincando. E por sentir também que por vezes é remetida para segundo plano, como de somenos importância...ouvindo-se repetidas vezes dizer às crianças frases iguais ou semelhantes a esta: “não podes estar só a brincar, tens que fazer qualquer coisa”... como se brincar não fosse nada, quando provavelmente é tudo!

Se este estudo conseguiu constatar que realmente a brincadeira constitui um comportamento de construção e consolidação de conhecimento e desenvolvimento do Eu, do Outro e do Mundo, se puder abrir não só os meus horizontes pessoais e pedagógicos como o de outros profissionais de educação ou familiares, já valeu a pena.

Foi sem dúvida impulsionador de procura de saber para mim, enquanto pessoa e educadora, mas desejo que possa ser também fonte de inspiração e reflexão para outros

educadores, e que possa ser um ponto de partida para outros estudos mais aprofundados sobre estas brincadeiras e interações infantis.

Quanto a constrangimentos o maior foi sem dúvida o tempo, ou a falta dele, para poder realizar este trabalho de investigação em tempo útil. Por razões pessoais e profissionais o período em que frequentei este mestrado foi sem dúvida sobrecarregado de tarefas profissionais e académicas, desafios pessoais, provas familiares, o que me fez protelar no tempo a realização deste projeto de investigação em que tanto empenho depositei. Fi-lo com grande dedicação, gosto e empenho, certa das minhas convicções e gosto ao escolher este tema, para mim tão interessante. Todavia por todas estas razões foi um percurso demorado e cheio de pedras no caminho. Considero que as batalhas mais difíceis, quando vencidas, são as mais compensadoras. Assim sendo sinto-me vitoriosa!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação; guia prático e crítico*. Porto: ASA.

Alarcão, I. & Tavares J. (2005). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Almedina.

Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Branco, M. E. C. (2000). *Vida, pensamento e obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Brazelton, T. B. (1989). *Os primeiros passos dos bebés : Uma declaração de independência*. Lisboa: Terramar.

Delmine, R. & Vermeulen S. (2001). *O desenvolvimento psicológico da criança*. (coleção biblioteca básica de educação e ensino). Lisboa: ASA (3ª ed).

Formosinho, J. (org) (1986). *Modelos Curriculares para a educação da infância*. Porto. Porto Editora. In *Projeto Educativo de Escola de 2014*.

Garvey, C. (1977). *Brincar*. Lisboa: Moraes Editores.

Gesell, A. (1996). *A criança dos 0 aos 5: O bebé e a criança na cultura dos nossos dias*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Guimarães, M.A. & Costa I. A. (1986). *Eu era a mãe: Perspectiva psicopedagógicas de expressão dramática no jardim-de-infância*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.

Marti, J. M. F. & Guerra, J. C. (1996). Programa de Formação de Educadores. Vol.1. Lisboa: Liarte.

Mundo do Abc: Fases do desenvolvimento infantil (0-6 anos) recuperado em 25 de novembro de 2015 em:

[https://www.google.pt/?gfe\\_rd=cr&ei=FIC0VuRJ76vzB5yjtAN&gws\\_rd=ssl#q=a+crian%C3%A7a+de+2+anos+mundoabc](https://www.google.pt/?gfe_rd=cr&ei=FIC0VuRJ76vzB5yjtAN&gws_rd=ssl#q=a+crian%C3%A7a+de+2+anos+mundoabc)

Piaget, J. (1975). A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho; imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar (2ª ed.).

Portugal, G. (1998). Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo creche. (formato em PDF). Consultado em 25 de novembro de 2015 em [https://www.google.pt/?gfe\\_rd=cr&ei=l-mzVrbUPO2r8wfJhqeQAQ&gws\\_rd=ssl#q=gabriela+portugal+creche](https://www.google.pt/?gfe_rd=cr&ei=l-mzVrbUPO2r8wfJhqeQAQ&gws_rd=ssl#q=gabriela+portugal+creche).

Portugal, G. (2000). Educação de bebés em creche. Editorial. Infância e educação: Investigação e práticas. Revista do GEDEI (nº1).

Post, J. & Hohmann, M. (2007). Educação de bebés em infantários: Cuidados e primeiras aprendizagens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (3ª ed.).

Santos, J. (2007). Ensina-me a ler o mundo à minha volta. Lisboa: Assírio e Alvim.

Sousa, A. (2009). Investigação em Educação. Lisboa: Livros Horizonte (2ª ed.).

Vigotski, L. (1998). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes (6ª ed.).

Wallon, H. (1970). Do acto ao pensamento: ensaio de psicologia comparada (colecção psicologia e pedagogia). Lisboa: Moraes Editores.

Winnicott, D.W. (1975). O brincar e a realidade. Rio Janeiro: Imago.

Winnicott, D.W. (1979). A criança e o seu mundo. Rio Janeiro:Zahar. (2ª ed).

## ANEXOS

## ANEXO - NOTAS DE CAMPO

### Nota nº 1

**Situação:** Brincadeira Livre

**Data:** 24.10.2013

**Local:** Sala

**Hora:** 10:00

**Intervenientes:** o E; o M; o Gu; o H

**Sexo:** Masculino

**Idade:** 2 anos

### Descrição:

O E está a olhar-se ao espelho e a fazer caretas, o M aproximou-se e ficou a observá-los. Faz caretas também, demonstra sentir-se observado, salta-lhe para os ombros, riem-se e deitam-se ambos no chão a olhar para o espelho e a fazer caretas. O Gu aproxima-se energeticamente, faz caretas e palhaçadas olhando-se ao espelho e fica ao lado dos primeiros. O H, que esteve sempre a observar ri-se discretamente e imita as caretas que os outros fazem.

### Inferência:

As crianças demonstram:

- Auto Conhecimento e Conhecimento do Outro
- Auto Conceito
- Expressão de Sentimentos e Expressões Faciais
- Auto Estima
- Valorização e Aceitação do Outro
- Conhecimento do Mundo – Vida em sociedade

**Nota nº 2****Situação:** Acolhimento**Data:** 13.01.2014**Local:** Sala / Tapete**Hora:** 9:15**Intervenientes:** a Md; o Ga; a L e o E**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 2 anos**Descrição:**

A Md, O Ga, a L e o E sentam-se na zona do tapete e cantam a canção dos “bons dias” com os respetivos movimentos, chamando os nomes das crianças que se encontram presentes.

Comentário Informativo:

Esta é uma situação vivenciada por eles, de rotina diária. É uma canção de acolhimento às crianças, em que se dão os bons dias a todas as crianças, chamando pelos seus nomes e fazendo gestos e marcando o ritmo.

**Inferência:**

As crianças demonstram:

- Conhecimento do Eu, do Outro e do Grupo
- Apropriação de rotinas e regras de vida social do grupo
- Conhecimento do Mundo
- Interpretação de Papéis

**Nota nº 3****Situação:** Brincadeira Livre**Data:** 20.01.2014**Local:** Sala / Área da Casinha**Hora:** 10:15**Intervenientes:** A Cl; a M; a C; a Md**Sexo:** Feminino**Idade:** 2 anos**Descrição:**

As quatro crianças estão na casinha, põem a mesa e sentam-se todas à mesa, excepto a Cl que distribui a comida pelos pratos. Esta manda as outras comer, colocando uma vez por outra, a colher na boca de cada uma.

**Inferência:**

As crianças demonstram:

- Conhecimento Eu / Outro
- Distribuição de Papéis
- Aceitação e Integração de Regras
- Integração de Papéis e funções observadas nos adultos e nas crianças
- Observação do Mundo que a rodeia e da Vida
- Integração da Vida Familiar e Social
- Coerência / Maturidade

**Nota nº 4****Situação:** Brincadeira Livre**Data:** 2.01.2014**Local:** Sala / Área da Casinha**Hora:** 10:30**Intervenientes:** A Cl; a M; a Mg; a Md e a L**Sexo:** Feminino**Idade:** 2 anos**Descrição:**

A Cl pega numa carteira, disponível nesta área, enche-a de objetos da casinha, põe ao ombro e despede-se das “filhas” e diz:

- Até logo, vou trabalhar, beijinho à mãe!

**Inferência:**

As Crianças demonstram:

- Conhecimento do Eu/Outro/Mundo
- Replicação de situações de vida
- Interpretação de Papéis e Funções/Profissões
- Resolução de Questões observadas no dia a dia/vida
- Adaptação/ Transformação de Objetos

**Nota nº 5****Situação:** Brincadeira Livre**Data:** 12.02.2014**Local:** Sala**Hora:** 11:00**Intervenientes:** o M; o E; a A; o Ga; o H; outras crianças que se juntam depois**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 2 anos**Descrição:**

As primeiras cinco crianças dispõem as cadeiras da sala em fila. Chamam os colegas para virem para o “autocarro”. Alegremente várias crianças correm logo, para o suposto autocarro. O Ga ocupa o lugar do condutor e grita:

- Vamos embora! Para o autocarro!

A A, a L, o H vêm a correr e sentam-se nos seus lugares, trazendo ao colo os seus “filhos” (bonecos), embrulhados em mantas. A Cl senta-se ao lado da M e diz:

- Vamos ao hospital que estás doente!

Pondo-lhe um lápis debaixo do braço paa lhe medir a febre (como se fosse um termómetro).

**Inferência:**

As crianças demonstram:

- Capacidade para se organizar entre si, criar regras e respeitá-las
- Capacidade de distribuição de papéis e interpretação dos mesmos à luz da sua interpretação da realidade que vivem e presenciam
- Conhecimento do Eu e do Outro
- Aquisição de Conhecimento do Mundo
- Transformação e Adaptação de Objetos

**Nota nº 6****Situação:** Brincadeira Livre**Data:** 18.02.2014**Local:** Recanto da Sala**Hora:** 10:50**Intervenientes:** A Md; o Ga; o M; a A**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 2 anos**Descrição:**

Numa zona da sala que faz um recanto, estas quatro crianças, põem cadeiras a fechar a zona. Escondem-se lá dentro como se fosse uma gruta. A A grita cá de fora, a bramir como um urso:

- UAARRR! UAARRR!

Os outros lá de dentro gritam com medo e escondem-se tapando-se.

Comentário informativo:

Tinha sido recentemente contada e explorada a história “Vamos à Caça do Urso” de Michael Roosen e Helen Oxenbury.

**Inferência:**

As crianças demonstram:

- Capacidade de se organizar
- Capacidade de distribuir papéis
- Conhecimento do Eu / Outro / Mundo
- Conhecimento do Mundo (urso, gruta)
- Autoproteção (fugir, esconder, tapar)
- Autocontrolo / Maturidade - Capacidade para controlar medos e situações adversas

**Nota nº 7****Situação:** Brincadeira Livre**Data:** 21.02.2014**Local:** Sala**Hora:** 10:45**Intervenientes:** A M; a A; a L; a C**Sexo:** Feminino**Idade:** 2 anos**Descrição:**

Todas estas crianças dispõem os bebés na cama, na área da casinha, mandando ou outros calar porque os bebés estão a dormir. Depois cada uma tira o seu bebé da cama embrulhando-o com uma mantinha, embalando-o e vagueando pela sala, como que a adormecê-lo. De seguida duas das crianças sentam-se noutra sala e começam a dar comida aos seus bebés com uma colher.

**Inferência:**

As crianças demonstram:

- Conhecimento do Eu /Outro /Mundo
- Jogo de papéis
- Interpretação e grande apropriação das funções inerentes a esses papéis
- Aquisição de conhecimento do Mundo
- Aquisição de Valores de Respeito e Proteção pelos mais pequenos e indefesos

**Nota nº 8****Situação:** Brincadeira Livre**Data:** 20.03.2014**Local:** Sala**Hora:** 10:15**Intervenientes:** A M; a C; a Cl; o R**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 2 anos**Descrição:**

Três crianças deitam-se no tapete da sala. Uma outra tapa-as com mantas e vai buscar um fio de plástico, moldável, pertencente a um jogo de enfiamentos. Começa então a deslocar o fio em diversas partes do abdómen e das costas das crianças que estão deitadas, enfiando-o por vezes no nariz, nos ouvidos e no umbigo, como que a auscultá-las, com a outra ponta do fio no seu ouvido. Manda-as voltar de barriga para baixo, pondo-lhes o termómetro (lápiz) debaixo do braço. Examina-as totalmente e no fim dá-lhes um remédio (a fingir) dizendo-lhes que estão doentes.

**Inferência:**

As crianças demonstram:

- Conhecimento do Eu/Outro/Mundo
- Distribuição de papéis
- Conhecimento do Mundo
- Integração de regras
- Interpretação de papéis / profissões dos adultos
- Integração de situações / preocupações de vida - sua resolução - apaziguamento
- Adaptação / Transformação de objetos
- Criatividade / Imaginação
- Maturidade / Coerência

**Nota nº 9****Situação:** Momento de espera antes do lanche**Data:** 05.05.2014**Local:** Sala**Hora:** 15:30**Intervenientes:** A Mg; a C; a L e a S**Sexo:** Feminino**Idade:** 2 anos**Descrição:**

Quatro crianças estão a ver livros da área de biblioteca da sala, hoje há livros novos, havendo por isso particular interesse. Três crianças dispõem vários livros, em miniatura, em cima de uma mesa, começando a contá-los repetidas vezes, numa sequência quase correta. Alternadamente entre si vão contando até 6,12,19 e 20, embora com pequenas lacunas.

**Comentário informativo:**

As crianças contam assim:

C: 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12.

L: 1,2,3,4,5,6...4,5,6.

Mg: 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16...19.

S: 1,2,3,4,5...9...14...16...e 20!

**Inferência:**

As crianças demonstram:

- Conhecimento do Eu /Outro/Mundo
- Gosto pela Descoberta e Conhecimento do mundo
- Aquisição de competências na área da matemática – noção de número
- Criatividade / Imaginação
- Abstração

**Nota nº 10**

**Situação:** Momento de arrumação da sala antes do almoço

**Data:** 07.05.2014

**Local:** Sala

**Hora:** 11:30

**Intervenientes:** A Mg e a CI

**Sexo:** Feminino

**Idade:** 2 anos

**Descrição:**

Duas crianças estão a conversar em voz alta, de volta de um papel, ambas com um lápis, onde vão “escrevendo” ao mesmo tempo que vão dizendo palavras soltas, com alguma rapidez e ritmadamente. O adulto pergunta:

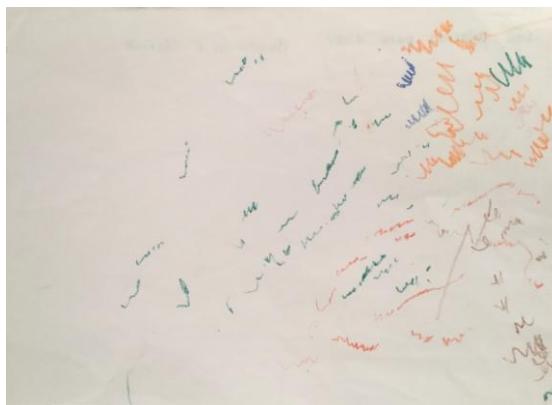
- O que é isso?

Respondem:

- São palavras para dizer!

**Comentário:**

Este foi o registo que resultou da conversa:

**Inferência:**

As crianças demonstram:

- Aquisição de competências na área da leitura e da escrita – pré-escrita/ pré-leitura
- Integração de regras de sociedade e códigos de linguagem ou comunicação - A Escrita
- Imaginação /Criatividade
- Conhecimento do Mundo
- Imitação do Adulto

**Nota nº 11****Situação:** Brincadeira Livre**Data:** 14.05.2014**Local:** Sala**Hora:** 10:00**Intervenientes:** O M e a L**Sexo:** Feminino e Masculino**Idade:** 2 anos**Descrição:**

Duas crianças disputam uma manta para tapar os seus “bebés”, puxando cada uma para seu lado. Uma consegue finalmente ficar com a manta, entre gritos e puxões. Ela respira fundo e vai junto dos colegas perguntar:

- É meu, pois é?

A outra criança, zangada, vai lá e tira-lhe de novo a manta. Ela chora e vem pedir consolo ao adulto, que não interfere, de seguida procura consolo junto dos colegas, que “ralham” com a outra criança. Esta sorri e devolve-lhe a manta.

**Inferência:**

As crianças demonstram:

- Sentimento pertença e dificuldade de partilha
- Identidade
- Limites
- Eu vs Outro
- Controlar frustração
- Resiliência
- O efeito do grupo na resolução de conflitos, aquisição de regras sociais e valores morais